

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Negociações Internacionais

Período de Análise: 01/08/2015 a 31/08/2015

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

Dificuldades materiais – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 06/08/2015..	3
Em livro, jornalista narra história do 'imperialismo brasileiro' na África. Fábio Zanini – Folha de São Paulo, Mundo. 08/08/2015	4
Escócia proíbe cultivo de produtos transgênicos em seu território – O Globo, Sociedade. 09/08/2015	5
Cargill anuncia investimentos de quase US\$ 6 bilhões no México. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 13/08/2015	6
Egito e Venezuela ficam entre os cinco principais destinos das exportações em julho – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 17/08/2015	7
Ventos desfavoráveis no campo francês. Anne Sylvaine Chassany – Valor Econômico, Agronegócios. 18/08/2015	8
Kátia Abreu e ministro da Alemanha alinham posição sobre acordo de livre comércio – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 20/08/2015	10
Café arábica acumula baixa de 28% em NY em 12 meses. Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 20/08/2015	11
Expedição projeta colheita de soja nos EUA em 106 milhões de toneladas. Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 21/08/2015	12
Redesenho do mapa econômico global. Marcos Sawaya Jank – Folha de São Paulo, Colunistas. 22/08/2015	12
Algodão do Brasil atrai asiáticos. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 24/08/2015	14
O Brasil e a onda chinesa. Editorial – O Estado de São Paulo, Opinião. 25/08/2015 .	14
Commodities agrícolas não escapam do 'fator China'. Fernando Lopes, Camila Souza Ramos e Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 25/08/2015..	15
Candidato presidencial argentino defende reforma agrária e estatização. Sylvia Colombo – Folha de São Paulo, Mundo. 25/08/2015	17
Brasil brilhante, Índia incrível. Sunil Lal – Folha de São Paulo, Opinião. 28/08/2015	18

THE ECONOMIST

Preços das commodities e títulos de mercados emergentes em queda são maus presságios para a economia mundial

Há cinco anos, dois pontos de vista eram muito compartilhados. O futuro pertencia não às envelhecidas e indolentes economias avançadas, mas aos mercados emergentes. Além disto, essas economias tinham tamanha demanda de matéria-prima que um "superciclo de commodities" estava a caminho e duraria anos.

Os preços das commodities atingiram seu pico em 2011 e desde então caíram implacavelmente. O declínio de mais de 40% até agora indica um enorme mercado em depressão. Se fossem ações falaríamos de calamidade e colapso.

A mídia ocidental em suas análises tende a considerar o declínio dos preços das commodities um fenômeno benigno, como de fato é para países prevalentemente importadores. Mas não é bom para os exportadores de commodities e muitos deles são de mercados emergentes. O que ajuda a explicar porque as ações desses mercados tiveram somente um ano positivo desde 2011 e registraram um desempenho significativamente inferior ao dos países ricos nos últimos anos. O mais recente sinal de inquietação veio da China, onde o índice Xangai Composto registrou uma queda de 8,5% em 27 de julho.

Brasil. O crescimento das economias emergentes deve desacelerar em 2014 pelo quinto ano seguido de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Entre o Brics, Brasil e Rússia verão sua produção declinar este ano, enquanto a da China vem desacelerando. Somente a economia indiana deverá avançar. As economias em desenvolvimento foram impulsionadas na primeira década do século 21 pela rápida expansão da demanda chinesa quando esse país, o mais populoso do mundo, experimentou um boom de investimentos. O que foi ótimo para os exportadores de commodities, pois a China condensa quase a metade da demanda global de metais industriais. Mas a queda dos preços das commodities sugere que a demanda chinesa diminuiu nos últimos anos. E os altos preços cumpriram um papel, criando novas fontes de matéria-prima como petróleo e gás de xisto.

Por outro lado, a China mudou seu setor de manufatura que passou da montagem de componentes no exterior para a criação de produtos acabados fabricados inteiramente no país desde o início. E isso afetou outras economias asiáticas. As exportações dos mercados emergentes tiveram uma queda de 14% em relação ao ano passado em termos de dólares. Quanto ao volume continuaram a crescer, mas somente 1,1% de acordo com a Capital Economics. Esse crescimento anêmico está se tornando uma tendência. O comércio mundial, que vinha expandindo mais rápido do que o PIB global antes da crise financeira, nem mesmo vem mantendo o ritmo: no ano passado cresceu 3,2% ao passo que o PIB avançou 3,4%.

Lucros em queda. O boom de investimentos na China também pode ter criado um problema de excesso de capacidade na indústria, o que gerou uma pressão sobre as margens de lucro do setor corporativo. Dados mais recentes mostram que os lucros das

indústrias chinesas foram 0,7% menores no primeiro semestre do ano do que no mesmo período de 2014. Os preços ao produtor caíram 4,8%, a uma taxa anualizada, em junho, o quadragésimo mês consecutivo de declínio. O efeito pode se propagar para os concorrentes asiáticos: os índices dos gerentes de compras do setor de manufatura na Indonésia, Coreia do Sul e Taiwan apontam para quedas na produção em junho.

Economia global. A grande dúvida é se essa debilidade diz algo sobre a economia global. O Federal Reserve (banco central dos EUA) estará agindo insensatamente se elevar os juros no fim deste ano, como os mercados concluíram após a reunião do órgão esta semana? Em 9 de julho o FMI reduziu sua previsão para o crescimento global este ano de 3,5% para 3,3%. O que seria pouca coisa inferior aos 3,4% registrados no ano passado, mas assim mesmo seria o mais apático desempenho desde 2009.

Os rendimentos dos títulos governamentais são outro indicador do sentimento econômico. Quando declinam é sinal de que os investidores estão preocupados com as perspectivas de crescimento. Embora os títulos com prazos de dez anos tenham se recuperado em relação às baixas registradas em janeiro eles continuam baixos em relação aos níveis de um ano atrás - meio ponto ou ainda menos no caso da Canadá e de grande parte da Europa.

Nesse cenário, não parece ser o momento mais evidente para que o mais importante banco central do mundo decida um aperto da política monetária. Naturalmente, o Fed se concentra nas condições internas do país, não no ambiente internacional. Mas juros americanos mais altos significarão um dólar mais forte e, portanto, uma política monetária mais rígida no caso dos países que atrelam suas moedas à americana. O que criará um problema para economias com uma grande dívida em dólar. Diversas moedas de mercados emergentes já registram uma desvalorização há anos ou contabilizam baixas recorde.

A esperança é de que os sinais de desaceleração estejam errados. O Fundo Monetário Internacional espera que o crescimento global e o das economias emergentes avance em 2016. Talvez esteja certo. Infelizmente, com frequência o órgão mostrou-se excessivamente otimista no passado.

Em livro, jornalista narra história do 'imperialismo brasileiro' na África. Fábio Zanini – Folha de São Paulo, Mundo. 08/08/2015

Em 2010, a jornalista Amanda Rossi circulava por Moçambique ostentando orgulhosa a bandeira do Brasil numa mochila. Três anos mais tarde, o que antes abria portas e sorrisos tornou-se um fardo.

Ao entrevistar fabricantes de tijolos desalojados por uma mina de carvão da Vale no interior do país, tratou de esconder o objeto.

Essa intensa e contraditória relação entre os dois países é o tema de seu livro "Moçambique, o Brasil é Aqui". Moçambique abriga alguns dos principais investimentos econômicos e sociais do Brasil no continente africano e, como efeito colateral, desperta na mesma proporção reações exacerbadas de quem é atropelado no processo.

É em Moçambique que a pecha de "imperialista", à qual o Brasil ainda não está totalmente habituado, é ouvida com mais força.

Está na voz dos oleiros desabrigados pela Vale, dos produtores de frango assustados com a concorrência brasileira e na de camponeses temerosos com a marcha do agronegócio do Brasil que avança no norte do país.

Telegramas

O filé mignon do livro são telegramas secretos do Itamaraty a que a autora teve acesso e que mostram a atuação do governo brasileiro em prol de empresas privadas, algo que levanta questionamentos em tempos de Lava Jato.

Parte deste material, ressalve-se, consiste de atividades legítimas de lobby oficial para ajudar a Vale a vencer a concessão para explorar uma mina de carvão em Moatize, no noroeste do país.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva surge empenhado em ajudar a mineradora, recebendo o presidente moçambicano em Brasília, despachando o chefe do BNDES ao país africano e anunciando o perdão de uma dívida bilateral.

A coisa cruza a fronteira da ética quando a embaixadora brasileira em Maputo faz gestões pela concessão de uma bolsa de estudos no Brasil à filha de uma autoridade moçambicana com poder de decisão sobre a concessão.

ANDANÇAS

O livro é rico em "cor local", fruto das andanças da autora pelo país e de suas conversas com moçambicanos comuns –alguns desconfiados, outros esperançosos quanto ao Brasil.

Há um abismo entre boas intenções e a realidade, que fica claro, por exemplo, no curso universitário oferecido pelo governo brasileiro baseado em aulas pela internet, ignorando o fato de que a rede mais "engasga" do que funciona no país.

Ou, ainda, na falta de local para armazenar grãos de um projeto capitaneado pela Embrapa, o que obriga que galpões sejam improvisados com lona azul.

De todas as relações da chamada pauta "Sul-Sul", a do Brasil com Moçambique é das mais sentimentais.

O livro recupera um episódio curioso: nos anos 70, com o país recém-independente, foi a doação de 46 discos de MPB pela embaixada do Brasil que manteve viva a rádio estatal, fazendo de Jorge Ben um artista superpopular por lá. Isso demonstra como a amizade entre os dois países, apesar das turbulências, é antiga e sólida.

Escócia proíbe cultivo de produtos transgênicos em seu território – O Globo, Sociedade. 09/08/2015

Governo diz que quer proteger terra 'verde e limpa' do país

EDIMBURGO - A Escócia proibiu o cultivo de alimentos geneticamente modificados em seu território, com o intuito de preservar seu status de país "verde e limpo",

conforme anunciou neste domingo o governo escocês. O Estado ainda usou como argumento a falta de evidências de que o consumidor escocês deseja produtos transgênicos.

A Escócia se aproveita de uma nova norma da União Europeia (UE) que permite que seus países membros rejeitem o cultivo de determinados produtos transgênicos autorizados pela UE.

“O governo escocês apresentará em breve uma solicitação para que se exclua a Escócia de qualquer autorização europeia para o cultivo de produtos transgênicos, incluindo a variedade de milho geneticamente modificado que foi aprovada e outros seis cultivos que estão aguardando autorização”, explicou o governo em um comunicado.

O Parlamento Europeu aprovou, em janeiro, uma decisão que determina que qualquer país da UE pode opor-se ao cultivo de transgênicos em seu território, alegando razões socioeconômicas, ambientais ou de espaço.

O governo do Reino Unido é favorável ao cultivo de produtos geneticamente modificados, mas, com uma política agrícola descentralizada, cabe a cada governo autônomo decidir sua orientação.

Amplamente cultivados nas Américas e na Ásia, os produtos transgênicos têm dividido a opinião da Europa. Alguns grupos verdes se dizem preocupados com seu impacto ambiental. Os ativistas também questionam se esses alimentos são saudáveis para os seres humanos. Por outro lado, os produtores dizem que, segundo pesquisas, as culturas são seguras.

“A Escócia é conhecida no mundo todo por seu belíssimo cenário natural, e proibir a produção de culturas geneticamente modificadas irá proteger e melhorar ainda mais o nosso status de país verde e limpo”, afirmou em nota Richard Lochhead, ministro do governo escocês para Meio Ambiente, Alimentos e Assuntos Rurais. “Não há evidência de demanda significativa para produtos transgênicos pelos consumidores escoceses. Fico preocupado que, ao permitir essas culturas na Escócia, prejudiquemos nossa terra verde e limpa, arriscando, assim, o futuro do nosso setor de bebidas e alimentos de £14 bilhões [mais de R\$ 76 bilhões]”.

Lochhead, que é membro do Partido Nacional Escocês, disse que apenas informou o governo britânico, que concede amplo grau de autonomia à Escócia, da decisão política.

Cargill anuncia investimentos de quase US\$ 6 bilhões no México. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 13/08/2015

SÃO PAULO - A americana Cargill, maior empresa de agronegócios do mundo, anunciou que vai expandir suas operações no México e que pretende investir no país cerca de US\$ 6 bilhões entre este ano e 2018.

Segundo a companhia, serão ampliadas as concessões de crédito para produtores locais e as compras de commodities agrícolas produzidas no país, além de outros investimentos diretos previstos.

“Acreditamos que o México pode ter um papel maior em alimentar o mundo”, disse o CEO da Cargill, David MacLennan, durante a reinauguração de uma planta de ração animal da companhia, no Estado de Jalisco.

A Cargill tem hoje nove unidades no México, onde emprega 1.750 pessoas.

Egito e Venezuela ficam entre os cinco principais destinos das exportações em julho – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 17/08/2015

Vendas do agronegócio brasileiro para essas duas economias mais China, Países Baixos e EUA somam US\$ 4,66 bi

Egito e Venezuela aparecem entre os cinco principais destinos das exportações do agronegócio brasileiro no primeiro mês do segundo semestre deste ano. As vendas externas de produtos agropecuários brasileiros para esses dois países, além de China, Países Baixos e Estados Unidos somaram US\$ 4,66 bilhões. Esse valor representou 51,1% das exportações do mês, que totalizaram US\$ 9,11 bilhões. Os dados constam do Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (AgroStat), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

China

A primeira posição ficou a China, com o montante de US\$ 2,92 bilhões. O valor representou um incremento de 19,4% em comparação aos valores de julho do ano passado, que foi de US\$ 2,45 bilhões. Com esse aumento, causado pela expansão das vendas de soja em grãos e carne bovina, a participação chinesa nas exportações do agronegócio brasileiro elevou-se de 25,5% para 32,1%.

O complexo soja foi o principal setor exportador, com US\$ 2,47 bilhões. Os produtos florestais ficaram em segundo, com US\$ 185,26 milhões, sendo US\$ 169,65 milhões de celulose, US\$ 9,40 milhões de papel e US\$ 6,21 milhões de madeira. Em terceiro, ficaram as carnes, com US\$ 127,39 milhões, sendo US\$ 69,51 milhões de carne de frango, US\$ 57,27 milhões de carne bovina e US\$ 610,08 mil de carne suína.

Países Baixos

Os Países Baixos ficaram na segunda posição do ranking, com a cifra de US\$ 609,91 milhões. O setor mais exportado para o país foi o complexo soja, com US\$ 317,77 milhões. O produto de destaque foi a soja em grãos, com US\$ 160,15 milhões. Em seguida, ficou o farelo de soja, com US\$ 157,59 milhões e o óleo de soja, com US\$ 27,74 mil.

Os produtos florestais ocuparam a segunda posição, com US\$ 106,67 milhões. Deste valor, US\$ 102,65 milhões foram de celulose e US\$ 4,02 milhões de madeira. Em seguida ficaram as carnes, com US\$ 66,96 milhões, sendo US\$ 46,46 milhões de carne de frango, US\$ 12,66 milhões de carne bovina, US\$ 7,77 milhões de carne de peru e US\$ 63,98 mil as demais carnes e miudezas.

Estados Unidos

Na terceira posição do ranking, os Estados Unidos foram responsáveis pelo montante de US\$ 582,54 milhões. Os produtos florestais foram destaque, com US\$ 200,77 milhões. No setor, a celulose ficou em primeiro lugar, com US\$ 96,75 milhões, seguida pela madeira com US\$ 86,69 milhões e papel, com US\$ 17,33 milhões.

O café ficou em segundo lugar, com US\$ 113,36 milhões, sendo US\$ 105,40 milhões de café em grãos e US\$ 7,96 milhões de extratos de café. O complexo sucroalcooleiro foi o terceiro principal setor, com US\$ 60 milhões, sendo US\$ 43,80 milhões de álcool e US\$ 16,20 milhões de açúcar.

Venezuela

A Venezuela ficou na quarta posição, com US\$ 282,51 milhões. O setor de carnes foi o destaque das exportações para aquele país, e suas vendas somaram US\$ 129,43 milhões. Deste valor, US\$ 81,54 milhões foram de carne bovina e US\$ 47,90 milhões de carne de frango. O açúcar ficou na segunda posição, com US\$ 46,91 milhões e em terceiro, ficaram os produtos lácteos, com US\$ 38,06 milhões.

Egito

Na quinta posição, o Egito comprou US\$ 260,84 milhões em produtos agropecuários brasileiros. O principal item negociado foi o açúcar, com a soma de US\$ 71,78 milhões. Em seguida, destacaram-se as carnes, com US\$ 71,24 milhões. No setor, as vendas de carne bovina alcançaram a cifra de US\$ 59,67 milhões. A carne de frango somou US\$ 11,46 milhões e a carne suína, US\$ 106,54 mil. O terceiro setor em valor exportado foi o de cereais, farinhas e preparações, com US\$ 61,80 milhões.

Acumulado do ano

De janeiro a julho de 2015, a China também ocupou a primeira posição, com US\$ 14,67 bilhões. Em seguida, ficaram os Estados Unidos, com US\$ 3,72 bilhões e Países Baixos, com US\$ 2,94 bilhões. Na quarta posição ficou a Alemanha, com US\$ 1,63 bilhão e na quinta, a Rússia, com US\$ 1,37 bilhão.

Ventos desfavoráveis no campo francês. Anne Sylvaine Chassany – Valor Econômico, Agronegócios. 18/08/2015

Do alto de uma escada de madeira de nove metros, a agricultora francesa Cécile Chevereau analisa a colheita de trigo deste ano depositada nos quatro silos construídos por seu pai antes de ele se aposentar há 18 meses. Ela e Eric Simon, seu sócio, ainda não se pagaram o mês de julho porque terminaram o período com o caixa vazio. Mas, por enquanto, não vão vender suas 200 toneladas de grãos. Os preços do trigo estão em queda e Cécile quer esperar uma recuperação.

"O que importa agora são os preços no mercado mundial", diz. "Você pode ter uma grande safra e não ganhar muito dinheiro em um ano, e ganhar mais dinheiro com uma safra de qualidade inferior no ano seguinte. A única coisa que podemos prever é nossos custos, e eles estão sempre subindo."

A queda dos grãos é apenas a mais recente notícia ruim entre outras que preocupam Cécile Chevereau em sua fazenda em Saint-Martin-des-Bois, na região do Loire. Os

preços das novilhas e novilhos que ela cria também estão em queda. Com € 54 mil em dívidas comendo a maior parte do lucro de € 69 mil que a fazenda gerou no ano passado, ela sente o aperto que está levando fazendeiros a parar caminhões que transportam carne importada e lácteos vindos da Alemanha e Espanha, e bloquear vias de acesso a pontos turísticos, como a que leva ao Castelo de Chambord, no vale do Loire.

Os protestos refletem as dificuldades enfrentadas pelo setor agrícola, atingido pelo fim das cotas de leite na União Europeia este ano. "Na França, mais do que em qualquer outro país europeu onde a intervenção estatal foi menos importante, o fim das cotas é uma grande evolução", diz Vincent Chatellier, do Instituto Nacional de Pesquisa Agronômica. "Por 30 anos as autoridades francesas encorajaram o desenvolvimento regional e as fazendas familiares de leite de tamanho médio."

Outrora a maior exportadora de produtos agrícolas da Europa, a França foi destronada nos últimos anos pela Holanda e Alemanha. Ela ainda é o maior produtor do continente, mas países mais competitivos estão derrubando os preços das carnes bovina e suína e dos lácteos em seus mercados e ganhando participação no exterior. O veto à importação de carne pela Rússia e os problemas da Grécia, uma importadora de novilhos, também atrapalham.

Os agricultores franceses também culpam os frigoríficos, as cooperativas leiteiras e o comércio pelo aperto das margens e por levar mais de 20.000 produtores para perto da falência. Além disso, temem que o Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento, que está sendo negociado entre Bruxelas e Washington, leve a um aumento das importações da carne de bovinos criados com hormônio dos EUA.

A irritação "vem sendo gerada há muito tempo", diz Cécile Chevereau, que recebe € 30.000 por ano da UE. "Não podemos ganhar a vida sem os subsídios da União Europeia; trabalhamos como loucos, somos mal pagos e precisamos fazer investimentos constantemente."

O setor agrícola emprega só 3% da força de trabalho da França, mas segue tendo um lobby poderoso. Na esteira dos protestos de julho, o governo socialista do presidente François Hollande rapidamente liberou mais de € 600 milhões em ajuda.

Stephane Le Foll, ministro da Agricultura, prometeu aliviar os débitos dos produtores mais endividados. A federação alemã de laticínios reclamou para a Comissão Europeia contra a ajuda, enquanto produtores espanhóis ameaçaram boicotar os alimentos franceses. E os franceses querem mais apoio na forma de encargos sociais menores e um plano para sustentar os preços.

Cédric Daudin, produtor de leite dos arredores de Blois, diz que a França precisa conciliar seu ideal da agricultura tradicional, centrada nas famílias, com a necessidade de estimular fazendas maiores capazes de competir com os concorrentes de custos menores da Alemanha e Holanda. Os agricultores que tentam conseguir autorização para ampliar lotes de terras sempre enfrentam oposição local, observa ele.

"O público em geral quer fazendas menores porque assim fica mais bonito", diz Daudin. "Há uma resistência contra tudo que se assemelhe a uma fábrica. Mas isso tem custo."

Nossos custos trabalhistas são maiores, algumas de nossas regras de saúde e meio ambiente são mais rígidas que as normas europeias." (Tradução de Mario Zamarian)

Kátia Abreu e ministro da Alemanha alinham posição sobre acordo de livre comércio – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 20/08/2015

Ministra destaca importância do governo alemão para o êxito da negociação entre Mercosul e UE

A ministra Kátia Abreu e o ministro federal de Alimentação e Agricultura da Alemanha, Christian Schmidt, alinharam nesta quinta-feira (20) suas posições em relação ao acordo de livre comércio entre Mercosul e União Europeia, que está em fase de negociação entre os blocos. A reunião dos dois ministros, que ocorreu na sede do Mapa, está no contexto da visita da chanceler alemã, Angela Merkel, ao Brasil.

Durante a reunião, a ministra afirmou que a Alemanha é um país “fundamental” na tomada de decisão sobre o acordo de livre comércio. Destacou que o governo brasileiro é “unânime” sobre a “importância e a força” que o país germânico dará à proposta. Schmidt, por sua vez, demonstrou ampla receptividade em estreitar as relações comerciais dos dois blocos.

Kátia Abreu prevê que, com a efetivação do tratado, as exportações do agronegócio brasileiro cresçam cerca de 20%. “Mas ainda se mantivéssemos apenas o que exportamos hoje, o que não vai ocorrer, teríamos o enorme benefício de acabar com os impostos. Hoje, temos tarifas muito altas nas exportações”, assinalou a ministra.

Schmidt disse que Mercosul e União Europeia devem estreitar suas relações comerciais e que a Alemanha pretende ser um parceiro “de igual para igual”. Ponderou que a competitividade entre determinados produtos é “natural”, mas destacou a importância de reduzir tarifas de exportações.

“Sabemos que comércio aberto significa competitividade. Concorrência é uma coisa que sempre vai existir, temos que achar uma maneira”, disse. “Queremos ser parceiros de igual importância, de igual para igual, e o segredo é a desoneração de taxas aduaneiras e outras taxações”, acrescentou o ministro alemão.

Acordo sanitário

A ministra pediu apoio do governo alemão ao acordo sanitário e fitossanitário apresentado pelo Mapa durante visita à sede da União Europeia, em maio. Pela proposta, Brasil e países membros do bloco europeu vão harmonizar normas de defesa agropecuária, conferindo maior agilidade aos trâmites comerciais.

Em setembro, os comissários europeus para Saúde e para Comércio virão ao Brasil para desenhar o acordo. “Isso não vai influir em taxas. Continuaremos com as mesmas, mas significa que harmonizaremos procedimentos documentais para exportação e importações”, explicou Kátia Abreu.

Schmidt apoiou o pleito brasileiro e disse que levará o assunto ao Ministério da Alimentação e Agricultura da Alemanha e a autoridades da União Europeia. “É

importante buscarmos a simplificação nas regras e na legislação para que todos saibam do que se trata”, observou.

Ao reduzir a burocracia e harmonizar regras, o acordo sanitário poderá contribuir com o amplo tratado de livre comércio, disse Kátia Abreu. “Podemos quem sabe partir para um prelisting”, acrescentou a ministra, apontando que carne, frutas, suco de laranja e café poderiam entrar em um eventual prelisting.

Kátia Abreu disse ainda ao ministro alemão que espera que a União Europeia reconheça os estados de Rondônia, Tocantins e o Distrito Federal como zonas livres de febre aftosa – reconhecimento obtido da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) há 12 anos. “Esses estados fizeram um esforço imenso para erradicar a doença anos atrás e até hoje não foram reconhecidos, estando impedidos de exportar carne para o bloco.”

Kátia Abreu e Christian Schmidt demonstraram empenho recíproco em dar prosseguimos a outras questões, como a cooperação em pesquisa por meio da Embrapa, parcerias em laboratórios de saúde animal e rotulagem.

Café arábica acumula baixa de 28% em NY em 12 meses. Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 20/08/2015

O mercado do café pegou carona ontem no movimento vendedor de commodities, reflexo dos receios dos investidores de que a fraqueza do mercado acionário da China possa afetar a demanda do país asiático por matérias-primas. Mas a desvalorização dos futuros do café arábica na bolsa de Nova York também foi ditada por dinâmicas próprias do mercado do grão.

Em uma sessão com alto volume de contratos negociados - cerca de 55 mil -, os papéis que vencem em dezembro registraram uma queda de 425 pontos (3,06%), fechando a US\$ 1,348 a libra-peso. No ano, os contratos acumulam um recuo de 20,38%, e em 12 meses, de 27,59%.

Os futuros do café também perderam terreno por causa da alta do dólar verificada na maior parte do dia ante moedas de países importantes na produção do grão. O dólar chegou a subir mais de 1% em relação ao real e fechou com avanço de 0,53%. "A alta do dólar aumenta a renda dos países exportadores", permitindo negociar a valores menores em dólar, observou Haroldo Bonfá, diretor da consultoria Pharos Commodities Risk Management.

As turbulências externas não tiraram o cenário doméstico brasileiro das atenções. Os traders acreditam que a aproximação de uma frente fria na região Sudeste pode provocar chuvas e recompor a umidade do solo, após as precipitações ficarem abaixo da média em julho.

"[As chuvas] são necessárias para preparar o solo para a florada, que acontece entre setembro e outubro. Senão, isso pode comprometer a florada e a produção do próximo ano", afirmou Bonfá.

O analista acrescentou que as cotações encontram dificuldade de subir como em 2014 porque os grandes centros consumidores, como EUA e Europa, aumentaram o volume de café em seus estoques nos últimos meses.

Expedição projeta colheita de soja nos EUA em 106 milhões de toneladas. Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 21/08/2015

SÃO PAULO - A expedição Pro Farmer Crop Tour, promovida por produtores americanos e que acabou de realizar visitas por fazendas do Meio-Oeste dos EUA, divulgou que estima que a colheita de soja no país alcançará 105,75 milhões de toneladas na safra 2015/16, que está em desenvolvimento. ao passo que a de milho somará e 338,41 milhões de toneladas. Os volumes projetados são menores que os estimados pelo Departamento de Agricultura do país (USDA), que em seu último relatório mensal de oferta e demanda indicou 106,59 milhões de toneladas de soja e 347,64 milhões de toneladas de milho na temporada.

As projeções levam em consideração que o clima terá um desempenho “normal” em setembro. Para a soja, o cálculo do volume foi baseado na projeção de uma produtividade média de 46,5 bushels por acre (equivalente a 52,11 sacas por hectare).

“A safra de soja tem potencial para adicionar bushels à colheita se o clima de fim de temporada for favorável. As chuvas que caíram na última semana vão ajudar a encher os grãos e até permitir que algumas áreas plantadas tardiamente formem vagens”, avaliou a Pro Farmer, em nota.

O Estado que deve apresentar o melhor rendimento nas lavouras de soja deverá ser Nebraska, cuja produtividade foi estimada em 55,5 bushels por acre (62,2 sacas por hectare), à frente de Iowa, com rendimento avaliado em 54 bushels por acre (60,5 sacas por hectare).

Quanto ao milho, a estimativa dos técnicos da expedição Pro Farmer é de que a produtividade média no país fique em 164,3 bushels por acre (equivalente a 171,87 sacas por hectare).

Diferentemente da soja, o cenário para o milho não é tão positivo. “Mesmo com um fim normal da temporada de crescimento, nós temos preocupações sobre a produtividade, dada a deficiência de nitrogênio ao longo do leste do Cinturão do Milho”, ressaltou a nota da expedição.

O melhor rendimento deve ser alcançado em Iowa, onde a produtividade média foi estimada em 181 bushels por acre (ou 189,34 sacas por hectare). Em Illinois, líder na produção americana do cereal, a expectativa é de uma colheita de 169 bushels por acre (176,78 sacas por hectare), onde foram registradas áreas atingidas por doenças foliares.

Redesenho do mapa econômico global. Marcos Sawaya Jank – Folha de São Paulo, Colunistas. 22/08/2015

No início deste mês, o "Financial Times" publicou uma série de artigos mostrando as graves inconsistências da definição de "economias emergentes", uma panaceia que reúne países com enorme disparidade de tamanho, renda e governança.

A ideia de que os chamados países desenvolvidos estão no "centro" gravitacional do mundo e os emergentes na "periferia" não faz mais sentido.

Primeiro, porque hoje a "periferia" já é maior do que o "centro", seja em tamanho e crescimento do PIB, volume de exportações, acúmulo de reservas internacionais e até mesmo na venda de carros, no consumo de petróleo e outros indicadores.

Segundo, porque a própria palavra "emergentes" dá uma falsa sensação de que haveria um caminho contínuo e inexorável de melhoria para os países "em desenvolvimento". Ocorre que no mundo real hoje temos exemplos de "emergentes" que caminham para a frente, para o lado e para trás. Há emergentes que já superaram os desenvolvidos, como os tigres asiáticos e alguns países árabes. Mas há também casos de países emergentes e países desenvolvidos, alguns com um fabuloso histórico de dominância global, que hoje estão literalmente "imersos", como Portugal, Espanha, Grécia, Rússia, Argentina e Brasil, infelizmente.

O "Financial Times" apresenta nada menos que seis matrizes alternativas para redefinir países emergentes, numa tentativa de redesenhar o mapa do mundo. Os critérios são vários. Um expert propõe medir desenvolvimento por meio dos dados de 440 cidades emergentes, em vez de comparar países. Outro usa o critério do regime de governo.

Outros agrupam os países em clusters, usando variáveis como nível de educação e saúde, tamanho da população e clima político. Outros, ainda, usam variáveis econômico-financeiras como competitividade, ratings de crédito, penetração do mercado acionário e valorização da taxa de câmbio.

Algumas sugestões são claramente falaciosas, como a ideia de que a "emergência" estaria ligada à combinação de superavit na conta-corrente com exportação de manufaturados, em vez de commodities.

Não consigo ver por que a característica do produto exportado seria um indicador de maior ou menor desenvolvimento. A economia nos ensina que o que interessa não é o que o país exporta, mas sim como ele exporta em relação aos seus maiores concorrentes.

Não há nada errado em exportar commodities se somos melhores que o resto do mundo, como ocorre no agronegócio. Commodities estão associadas com volatilidade, e não com nível de desenvolvimento.

Nenhuma definição me convenceu até aqui. Agora, quando olhamos para as características básicas dos emergentes, vamos observar que: são países relativamente pequenos, com eleitorados homogêneos, possuem instituições estáveis, respeitam o Estado de Direito, têm boa governança e combatem duramente a corrupção. Alguns são conhecidos pelo investimento em educação, outros por serem economias abertas que estimulam a concorrência, os investimentos e a inovação.

Nos últimos dez anos, os melhores exemplos estão nos emergentes da Ásia, que simplesmente roubaram dez pontos percentuais do mundo desenvolvido. O resto do mundo basicamente ficou no mesmo lugar, em termos relativos.

Não há segredo. Basta observar e fazer o que deu certo.

Algodão do Brasil atrai asiáticos. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 24/08/2015

Um missão de empresários asiáticos visitou semana passada fazendas de algodão localizadas nos principais Estados produtores do Brasil. Conforme a Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), vieram na comitiva tecelagens e fiações asiáticas responsáveis pela importação anual de 1,8 milhão de toneladas da pluma - volume que supera a produção do Brasil.

Há mais de dez anos a Abrapa não trazia grupos importadores de algodão para conhecer a produção no país. O plano da entidade é daqui em diante realizar visitas com esse perfil a cada um ou dois anos. Conforme a Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão (Ampa), a missão teve a parceria das principais tradings do segmento. No grupo da Ecom, estavam as chinesas Texhong Textile, Shandong Ruyi Technology e Zibo Yinshilai Textile.

No da americana Cargill, estavam as tailandesas S.R. Spinnig e Emerald World, e a sul coreana SAE-A Trading. No grupo da Reinhart, estavam a St. Meer, da Zona Franca de Qingdao, na China, além das tailandesas Thai Textile Industry Public, Thai Kurabo e Union Textile Industries Public. A Louis Dreyfus Commodities trouxe as sul coreanas Taekwang Industrial e a Chonganb.

O Brasil e a onda chinesa. Editorial – O Estado de São Paulo, Opinião. 25/08/2015

Ruim para a China, ruim para o Brasil, uma economia dependente em excesso da prosperidade chinesa. Mais uma vez a bolsa brasileira foi abalada pela turbulência no mercado chinês. O choque espalhou-se por todos os continentes, em mais uma segunda-feira negra. Esta expressão foi usada pelo Diário do Povo, de Pequim, ao noticiar a queda de 8,49%, a maior desde 2007, do Índice Xangai Composto. Uma queda de 8,48% havia ocorrido em 27 de julho, também uma segunda-feira. Enquanto especialistas, em todo o mundo, discutem a situação da China e especulam sobre a gravidade real da crise, pelo menos uma certeza já é possível: países emergentes e em desenvolvimento, exportadores principalmente de commodities – produtos básicos e semimanufaturados –, são os principais perdedores.

Ninguém pode dizer com segurança, hoje, se a economia da China se acomodará num crescimento próximo de 6%, num patamar um pouco inferior ou mesmo se afundará numa crise mais grave, hipótese por enquanto muito improvável. Mas o Brasil e outros fornecedores de commodities para o mercado chinês já foram afetados pela baixa das cotações internacionais.

Esse movimento acompanhou a desaceleração do crescimento da China, com efeitos mais sensíveis na receita cambial desses países de um ano para cá. Para ficar só no desempenho do agronegócio: nos 12 meses até julho, a receita de exportação do setor, US\$ 99,81 bilhões, foi 9,4% menor que a do período imediatamente anterior principalmente por causa da redução dos preços. Nesse intervalo, a cotação da soja em grãos caiu 21,2%; a de farelo de soja, 18,6%; a de óleo de soja, 16,3%; a de açúcar, 10,5%; a de papel e celulose, 8,7%; e as de carnes, 5,2%. Os preços do minério também caíram. A queda dos preços médios foi a causa principal da redução de 21,7% da receita

proporcionada pelas vendas de básicos e de 5,9% da obtida com a exportação de semimanufaturados, na comparação dos números de janeiro a julho deste ano com os de igual período do ano passado. Outros fatores também contribuíram para a baixa das cotações, mas a desaceleração chinesa foi com certeza um dos mais importantes, talvez mesmo o mais importante.

Todos os países muito dependentes da venda de minérios e de produtos agrícolas foram prejudicados pela mudança das condições do mercado e, de modo especial, pelo menor dinamismo da economia chinesa. As vendas do Brasil para a China ficaram em US\$ 22,68 bilhões de janeiro a junho deste ano. Esse valor foi 19,4% menor que o dos mesmos meses de 2014.

A composição das vendas para o mercado chinês é esclarecedora. No ano passado, o Brasil faturou US\$ 40,62 bilhões no comércio com a China e os produtos básicos proporcionaram 84,42% desse valor. Somando-se a isso a receita dos semimanufaturados, as vendas de commodities garantiram 95,92% do valor exportado. Sobraram, portanto, apenas 4,08% da conta de manufaturados: apenas US\$ 1,62 bilhão.

Neste ano, o padrão se repete, mas com um volume de comércio menor. De janeiro a julho, as vendas de básicos corresponderam a 85,11% da receita e a de commodities (incluídos os semimanufaturados), a 96,69% do total faturado.

Pelo menos um analista estrangeiro, o economista Oleg Melentyev, do Deutsche Bank, chamou a atenção, na segunda-feira, para o problema dos emergentes afetados pela desaceleração chinesa e pela depreciação das commodities.

Governantes mais atentos perceberam a urgência de mudanças na composição das exportações e, de modo especial, na relação de dependência com a China. O governo brasileiro, no entanto, continua dando prioridade, oficialmente, ao chamado comércio Sul-Sul e dando pouca importância, na prática, aos problemas de produtividade e de competitividade da indústria.

A presidente Dilma Rousseff, tudo indica, permanece fiel às escolhas da diplomacia petista, incluída a relação semicolonial com a China.

Commodities agrícolas não escapam do 'fator China'. Fernando Lopes, Camila Souza Ramos e Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 25/08/2015

A tensão global nos mercados financeiros globais emanada ontem pela China não poupou as cotações das principais commodities agrícolas negociadas nas bolsas de Chicago (milho, trigo e soja) e Nova York (açúcar, cacau, café, suco de laranja e algodão).

Todas iniciaram suas respectivas sessões em baixa, "engolidas" que foram por movimentos especulativos derivados das incertezas chinesas. Cacau, milho e trigo, contudo, se recuperaram ao longo do dia e fecharam em alta, influenciada pela queda do dólar em relação ao euro e ao iene e por fatores ligados a seus fundamentos de oferta e demanda.

Mas, para analistas, essas valorizações não deixam de ser um sinal da confiança de que a tendência de incremento do consumo de alimentos no país asiático, inclusive de maior valor agregado, resistirá à desaceleração seu crescimento.

Nesse contexto, as atenções estiveram mais focadas em Chicago, onde são negociadas as commodities agrícolas básicas para alimentação humana e animal.

Ali, os contratos do milho para novembro fecharam a US\$ 3,8050 por bushel (medida equivalente a 25,2 quilos), em alta de 3,25 centavos de dólar, ao passo que os papéis do trigo para dezembro subiram 4 centavos de dólar, para US\$ 5,08 por bushel (27,2 quilos). A soja para novembro recuou 15,5 cents, para US\$ 8,74 por bushel (27,2 quilos). É o menor valor em mais de seis anos, mas vale destacar que a China responde por quase 70% das importações globais da oleaginosa.

Apesar das turbulências - a desvalorização do yuan entre elas -, não se espera que China reduza suas compras de grãos no exterior. Mas os chineses não costumam dar ponto sem nó e, desde que bem estocados, podem perfeitamente querer compensar suas incertezas e a desidratação de sua moeda nos preços que pagam nas importações. De 11 de agosto (quando Pequim interveio em sua moeda pela primeira vez em tempos recentes com mais força) até ontem, o yuan caiu 3,04% em relação ao dólar.

Estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam que os estoques de milho, trigo e soja da China iniciarão a safra internacional 2015/16, em 1º de setembro, em patamares confortáveis.

No mercado de milho, os estoques iniciais (81,26 milhões de toneladas) deverão representar 37,1% da demanda total (219 milhões de toneladas), bastante acima da média global (19,7%). No caso do trigo, a relação é ainda mais folgada. Segundo o USDA, os estoques iniciais chineses em 2015/16 (74,57 milhões de toneladas) serão equivalentes a 64% da demanda interna (116,5 milhões de toneladas), ante a média mundial de 31%.

Na soja, mercado de grãos também mais aberto à participação da iniciativa privada no país asiático, o cinto é mais apertado. Nas contas do USDA, os estoques iniciais no próximo ciclo (17,55 milhões de toneladas) representarão 19,1% da demanda doméstica (91,7 milhões de toneladas). A média global está projetada pelo órgão em 28%.

Se o USDA estiver correto, boa parte dos estoques previstos foram alimentados em julho, já que, conforme o serviço aduaneiro chinês, as importações do país cresceram de forma expressiva nas três frentes durante o mês.

Em uma evidente estratégia focada em aproveitar os preços mais baixos dos grãos na bolsa de Chicago, as importações de milho da China cresceram pelo quarto mês seguido e somaram 1,1 milhão de toneladas, maior volume mensal desde 2005. Nos sete primeiros meses de 2015, o volume acumulado chegou a 3,8 milhões de toneladas, duas vezes mais que no mesmo intervalo do ano passado.

As importações chinesas de soja, por sua vez, chegaram a 9,5 milhões de toneladas em julho e somaram 44,7 milhões de toneladas nos sete primeiros meses do ano, 7,1% mais que de janeiro a julho de 2014. No caso do trigo os volumes são mais modestos. As

importações da China aumentaram para 301,3 mil toneladas no mês passado mas, dados seus estoques já elevados, no acumulado do ano houve queda de 37%, para 1,7 milhão de toneladas.

Candidato presidencial argentino defende reforma agrária e estatização. Sylvia Colombo – Folha de São Paulo, Mundo. 25/08/2015

Alguns perfis de Nicolás Del Caño, candidato presidencial pela FIT (Frente de Esquerda e dos Trabalhadores, na sigla em espanhol), dizem que o jovem político argentino costumava ser ainda mais radical em seu esquerdismo quando estudante na Universidade de Córdoba.

É difícil acreditar nisso ao ouvir seus discursos de campanha ("vamos confiscar os confiscadores") ou ao questioná-lo sobre a proposta de seu partido para a economia ("vamos começar tirando as terras dos grandes proprietários e estatizando todas as empresas que atuam em áreas estratégicas").

Del Caño, 35, é o mais jovem entre os seis candidatos à Presidência argentina. Seu engajamento apaixonado é visto com bom humor por jornalistas e cientistas políticos que o consideram algo anacrônico –em entrevista no estúdio do tradicional jornal "La Nación", Del Caño foi provocado por um repórter, que perguntou de forma irônica: "Você expropriaria este jornal? Veja que lindos sofás temos na Redação!".

Ele também é tratado com bom humor entre seus próprios apoiadores. Um deles montou um videogame virtual que virou febre em sua campanha: "O povo contra os candidatos-abutres" (www.candidatosbuitre.com), em que Del Caño aparece, ao som da "Internacional Socialista", atacando o perfil "pró-mercado" dos favoritos à eleição –o oficialista Daniel Scioli (Frente para a Vitória) e o opositor Mauricio Macri (PRO).

RENOVAÇÃO

O primeiro triunfo do jovem candidato ocorreu nas primárias, no último dia 9. Del Caño venceu, dentro de sua chapa, o veterano líder socialista Jorge Altamira, 73, um trotskista que iniciou sua atuação organizando greves, foi um dos fundadores do Partido Obrero (PO) e é irmão do ativista Luis Favre, ex-marido de Marta Suplicy. Altamira já havia se candidatado a presidente várias vezes.

Com isso, Del Caño tornou-se oficialmente candidato presidencial –a votação ocorre em 25 de outubro.

"Há uma renovação do perfil dos trabalhadores, que não é mais o mesmo do início da luta sindical, por isso deveria haver uma renovação das lideranças", diz Del Caño à Folha, por telefone, ao tentar explicar a vitória.

"O setor da esquerda que derrotamos queria manter as coisas como estão. Eles foram importantes na época da ditadura (1976-1983), mas agora é hora de deixar a nova geração atuar", afirma.

Desde que foi eleito deputado pela província de Mendoza, Del Caño doa a maior parte de seu salário a fundos para a organização de greve. A inspiração, diz ele, veio dos integrantes da Comuna de Paris, de 1871.

Para combater a inflação, que já é estimada em 35% por consultoras independentes (o órgão oficial que mede o índice está sob intervenção), Del Caño propõe que o governo fixe preços e que os supermercados "deixem de ser dirigidos por alguns poucos grupos empresariais".

Acompanhado de sua candidata a vice, Myriam Bregman –reconhecida advogada de direitos humanos–, Del Caño propõe uma revisão das políticas nessa área.

"Direitos humanos estão sendo violados no dia a dia, e estes são os que temos de priorizar. Quanto a crimes dos anos 70, é preciso investigar sem a intenção de ganhar a simpatia e o apoio político das organizações."

Hoje, grupos tradicionais como as Mães e as Avós da Praça de Maio estão alinhados com o governo. "Cristina e Néstor Kirchner querem fazer com que os argentinos acreditem que foram eles quem inauguraram as políticas de direitos humanos, mas elas são uma conquista da sociedade desde os anos 80", afirma, referindo-se a julgamentos logo após o fim da ditadura e que condenaram generais e guerrilheiros.

A FIT teve cerca de 3% dos votos nas primárias. Apesar de não revelar quem apoiaria num segundo turno entre Scioli e Macri, Del Caño admite que a tendência de seu eleitor é rumar para Scioli, em voto útil contra o direitista Macri. "Mas eu mesmo, se tiver de escolher, não escolho nenhum", diz.

Brasil brilhante, Índia incrível. Sunil Lal – Folha de São Paulo, Opinião. 28/08/2015

Os brasileiros não compreendem adequadamente a Índia por meio dos jornais locais ou da televisão; nem os indianos aprendem muito sobre o Brasil em sua mídia. É verdade, a Copa do Mundo de futebol atraiu atenção global, e muitos indianos viram o "jogo bonito"; milhões viram de relance o Brasil na TV. Os Jogos Olímpicos do Rio atrairão ainda mais interesse.

A impressão geral na Índia é a de que os brasileiros dançam samba com graça e estilo; que o Rio é uma grande cidade; e que o poderoso rio Amazonas flui por grande parte do país. Também conhecem o Pelé. Poucos indianos sabem que o território do Brasil é mais que duas vezes e meia o da Índia.

A maioria dos brasileiros conhece Mahatma Gandhi e estão conscientes de que a população da Índia ultrapassa um bilhão. Que a ioga veio da Índia e que o Taj Mahal é um monumento indiano também sabem. Turistas e homens e mulheres de negócio têm explorado ambos os países, mas não em números grandes o suficiente.

Nossos povos precisam estar mais bem conectados e informados um sobre o outro. Nessa era da informação, a distância e as restrições de idioma são facilmente superadas.

Nos níveis de lideranças e oficiais, nossos laços são extremamente próximos. Sermos parceiros estratégicos e membros de grupos influentes, como o G4 (Alemanha, Brasil, Índia e Japão), os Brics, o Ibas (Índia, Brasil e África do Sul) e o Basic (Brasil, África do Sul, Índia e China), nos habilita a exercer papéis de liderança internacional.

Essa parceria é forte na medida em que compartilhamos uma visão comum de paz e de desenvolvimento pelo bem-estar de nossos povos.

Também contribui quando o Brasil tem seu "jeitinho" e a Índia tem seu equivalente "jugaad" com o intuito de encontrar soluções. Historicamente, mandioca e caju foram do Brasil para a Índia, enquanto temperos, manga e coco vieram para o Brasil da Índia. Parte do gado no Brasil é de origem indiana.

Estamos cooperando em áreas pioneiras de ciência, tecnologia, espaço, e o nosso comércio é robusto. O Brasil pode exercer um papel importante na segurança energética e alimentar da Índia, enquanto a Índia pode contribuir para os setores de tecnologia da informação, indústria e saúde no Brasil. Há possibilidades conjuntas em defesa e medicina tradicional.

Precisamos elevar os patamares de intercâmbio em educação, cultura e turismo entre os povos.

O primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, estabeleceu uma agenda ambiciosa para a Índia se tornar um centro industrial global. A política "Faça na Índia" foi desenhada para trazer o melhor da tecnologia e do conhecimento mundiais à Índia como base para seus produtos.

A Índia é um dos maiores mercados consumidores do mundo, somos uma democracia, reservatório de recursos científicos e humanos, além de exemplo brilhante de unidade na diversidade. A ideia é elevar a contribuição da indústria para 25% do PIB. Isso fará da Índia uma nação desenvolvida capaz de cuidar das necessidades de seu povo.

Já a "Índia Digital" é um mecanismo de capacitação que usa ferramentas de comunicação para agilizar o desenvolvimento e tornar mais fáceis os negócios. Outra política-chave, o "Índia Limpa", é uma tentativa de tornar a Índia mais limpa e de inculcar uma filosofia que estimule a construção da nação.

O Brasil tem desafios parecidos, e há várias áreas em que o compartilhamento de experiências pode trazer benefícios mútuos. Devemos encontrar mais caminhos para conectar, cultivar e consumir nossa parceria em crescimento.

SUNIL LAL é embaixador da Índia no Brasil

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa
José Renato S. Porto

Secretária
Diva de Faria

op
pa Observatório de Políticas
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

